



CINE TEXTOS

Informação reunida e trabalhada para apoio à exibição em sala de cinema, em contexto de formação de públicos, orientada para alunos do ensino secundário e superior, no âmbito dos **FILMES FALADOS**, dos **IX Encontros de Viana – Cinema e Vídeo** (2009).

Autoria dos textos e orientação : Fabrice Schurmans.

Produção : AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual.

A TURMA

Título original: Entre les Murs

Realização: Laurent Cantet

Género: Drama

Classificação: M/12

Outros dados: FRA, 2008, Cores, 128 min.

Adaptação do romance de François Bégaudeau A Turma (Entre les Murs), Lisboa: Dom Quixote



AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com

Resumo

O filme retrata o quotidiano de uma turma de Francês do 8ºano durante um ano lectivo em Paris. François Marin, professor, tem não só de ensinar mas também de gerir as diferenças e as tensões entre os alunos. Com a passagem do tempo, algumas dessas tensões agudizam-se: Esmeralda e Koumba, duas amigas, acham que o professor está sempre a gozar com os alunos, Souleymane mostra pouca vontade de trabalhar e agride verbalmente os colegas. Rapidamente, o espaço da sala de aula torna-se um espaço de confrontos, por um lado, entre François e alguns alunos (Esmeralda, Koumba, Souleymane, Boubacar, etc.) e, por outro, entre os próprios alunos. Souleymane, oriundo de um contexto familiar difícil (a mãe não fala francês, o pai não está muito presente), parece cada vez mais afastado da escola: os seus resultados em várias disciplinas são maus, a sua irritação e o seu irrequietismo aumentam. A determinada altura, a tensão transforma-se em briga e Souleymane abandona a aula depois de ter insultado o professor. Um conselho de disciplina reúne-se e decide a expulsão do aluno. Porém, nem todos oferecem a mesma resistência à pedagogia do professor. Veja-se Wei, de origem chinesa, que não fala bem francês, mas que se esforça bastante, ou ainda Burak, de origem turca, que manifesta uma clara apetência pelo estudo.

François cruza-se também com os colegas na sala de professores onde trocam impressões, eliminam a tensão acumulada, etc. Aqui também François se depara com atitudes diferentes da sua, com estratégias e projectos pedagógicos distintos. Assim, por exemplo, no início do filme, o professor de História propõe a François estabelecerem uma ponte entre as duas matérias: os alunos poderiam ler uma obra na disciplina de Francês que se enquadrasse no programa de História, neste caso um conto de Voltaire. François recusa alegando a fraqueza dos alunos. Contudo, mais tarde descobre-se que deu a ler o *Diário de Anne Frank*, que aparentemente não estaria bem adaptado nem ao nível nem aos interesses dos alunos.

Crítica

O título original (*Entre os Muros*) remete de maneira mais óbvia para o lugar do que a adaptação portuguesa (*A Turma*) ou espanhola (*La Clase*). Pois o lugar neste filme determina em grande parte a qualidade da relação dos alunos entre si assim como dos alunos com os professores. Desde o início, o cenário é o de um espaço sem abertura, um espaço rodeado de muros, janelas e portas fechadas, um espaço onde até o céu é invisível. Os poucos planos de

conjunto, no recreio principalmente, mostram alunos cercados, quase esmagados por paredes. Veja-se, por exemplo, o plano de conjunto de Souleymane com a mãe filmados em picado (o que os reduz ainda mais) a deixar a escola depois da decisão do conselho de disciplina: ambos parecem quase pormenores num universo de natureza carcerário.

Neste contexto, a própria sala de aula reproduz em miniatura o dispositivo geral: espaço exíguo onde vinte e quatro alunos e o professor têm de conviver e de gerir tensões. Ou seja, por si só, o espaço neste filme é um importante gerador de problemas diversos; ainda que não explique a origem das tensões, favorece-as sem dúvida. Cantet duplicou a sensação de enclausuramento através da escala de planos: escolheu filmar as personagens em planos aproximados à cintura ou em grande plano não só para analisar as suas reacções (voltarei mais à frente a este ponto fulcral) como para as encerrar no espaço do quadro. Para dizê-lo ainda noutras palavras, corpos e personagens surgem aqui vítimas de uma dupla pressão: a do cenário e a do quadro, com os ângulos e os lados deste a remeter metaforicamente para os ângulos e os lados dos muros da sala.

Apesar da exiguidade do lugar, é possível delinear em muitas sequências uma subdivisão subtil evidenciada pela montagem: quando François coloca perguntas aos alunos, raramente aparecem todos no mesmo plano. O campo contra campo aqui não serve só para estruturar um diálogo, mas também para marcar e delimitar o espaço de cada um: a um plano de François colocando uma pergunta corresponde outro de um aluno que tenta responder. À semelhança do que acontece no conjunto do filme, não há espaços partilhados, espaços onde o saber possa circular de maneira fluída, ou seja, através de uma figura clássica de montagem, Cantet consegue acrescentar um elemento altamente significativo: cada um vive num espaço que não quer ou não consegue partilhar com a outra parte. Não seria exagerado dizer que este dispositivo põe até em relevo o carácter duro, quase violento, da relação entre François e a turma: acantonados no seu espaço apertado, não comunicam a não ser no modo do antagonismo, através de golpes e defesas.

O elemento central desta luta é a língua que ambos os lados usam. A variante de Francês ensinada por François enquadra-se dificilmente na variante usada pelos alunos. Estes não entendem, muitas vezes, o que o professor diz não por serem limitados intelectualmente, longe disso, mas porque o seu Francês se afastou decisivamente da norma dominante, a das gramáticas e da literatura clássica. Assim, na aula sobre o conjuntivo do imperfeito, Esmeralda põe em causa a utilidade de tal saber para os alunos e insiste num ponto importante a seu ver:

ninguém utiliza este tempo no dia-a-dia. Para dizê-lo noutras palavras, recusa um saber que não tenha implicações práticas, concretas para a sua vida.

Neste momento, como em tantos outros no filme, François não aproveita a troca de ideias para questionar o programa, para se pôr em causa ou ainda para encetar um verdadeiro diálogo. Nunca ouve os alunos, os seus pedidos, nunca aproveita o que dimana da turma, mas, pelo contrário, critica-a de modo irónico e até cínico. Parte do filme gira justamente em torno das dificuldades de comunicação, dos desentendimentos, da não partilha de elementos do código: não há fluidez na aula pela simples razão que ambos os lados precisam de interromper o outro para traduzir o que está a ser dito. *A Turma* evidencia de maneira pertinente que cada língua é um jogo de poder, que nunca é neutra na sua utilização. Neste contexto, existe no filme uma sequência muito reveladora: a do insulto por parte de François a Esmeralda e Louise por causa do comportamento destas durante uma reunião de professores. Uma só palavra fora do seu lugar («galdérias») basta para fazer desmoronar o precário equilíbrio da turma. Pois este tipo de vocabulário, quando utilizado entre os alunos, passa por normal (vejam os insultos entre eles, em particular as palavras que remetem para a homossexualidade masculina encarada de maneira negativa), mas, quando vindo de um professor implica uma clara transgressão dos códigos e das fronteiras.

A sequência da discussão entre François e a turma no recreio condensa parte do propósito do filme: ambos os lados se opõem no significado a dar à palavra em questão. Neste caso, estão no mesmo espaço, mas não se pode dizer que o partilham a não ser, mais uma vez, de maneira violenta. Aqui não há um campo contra campo que divide, mas planos de semi-conjunto que juntam as personagens sem contudo as aproximarem. Pois o desentendimento é total e François perdeu definitivamente tanto a compostura como a autoridade.

Talvez a explicação para tal comportamento por parte do professor se encontre logo na curta sequência inicial: François Marin está num bar filmado em plano peito, com ar triste ou pensativo. Olha no vazio, indiferente ao que o rodeia. Subitamente, bebe o seu café e sai do bar como se tivesse tomado uma decisão. O que a brusquidão do gesto assim como o olhar revelam é um homem pouco seguro, hesitante, reservado, em plena contradição com a actuação de professor da turma. Esta sequência (a única fora da escola) talvez nos dê uma chave para interpretar melhor o cinismo de François: não será este uma maneira de ele se proteger e se esconder?

O que esta sequência evidencia igualmente é o propósito estético do filme no seu conjunto. Cantet escolheu filmar de perto, de seguir as reacções no rosto dos professores e

dos alunos, de por assim dizer utilizar a sua câmara como um escalpe que disseca as caras. Veja-se uma das primeiras sequências (a dos professores que se apresentam uns aos outros): seria legítimo lê-la como uma espécie de introdução das personagens tanto para os próprios professores como para o espectador, mas também é legítimo ver nela uma leitura das consequências físicas do difícil trabalho de professor do ensino secundário. Parecem cansados, envelhecidos, com olheiras... Alguns denotam uma clara desilusão, um cinismo relativamente aos alunos (assim o professor de matemática diz: «Sou professor de tabuada e às vezes de matemática»); outro ainda diz «Sou professor aqui há 4 anos...» ao que uma voz *off* responde «Que coragem!» - fala que estranhamente não foi traduzida para português). Além disso, como Cantet escolheu filmar com câmara ao ombro, estas duas sequências iniciais dão claramente a sensação de estarmos perante um documentário e não de uma ficção. A confusão pode ser ainda mais forte nestas sequências por a maior parte dos actores ser amadora e representar o seu próprio papel (a começar por François Marin, interpretado por François Bégaudeau, autor do livro que inspirou o filme e ele próprio ex-professor).

Poder-se-á então ler o filme de Cantet como um espelho onde cada um, professores e alunos, reconhecerá em parte o seu reflexo, mas um espelho que se dirige também à sociedade em geral (parentes, políticos...): pois aquela escola também é reflexo da complexidade e da heterogeneidade das sociedades ocidentais contemporâneas.

Problemáticas presentes:

Os modelos de ensino /aprendizagem;
Definição institucional dos papéis de professor e aluno;
Falta de convergência dos projectos do professor e dos alunos;
Desafios de uma escola multicultural.

Áreas dos cursos de formação de professores em que podem ser tratados estes temas:

Correntes Pedagógicas
Didáctica da Língua Materna
Didáctica da Língua Estrangeira
Sociologia da Educação

AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com

Actividades propostas:

Correntes Pedagógicas –O professor ou o aluno no centro do processo educativo?

- pesquisa sobre vários modelos de ensino /aprendizagem;
- reflexão sobre a eficácia das estratégias deste professor e do cumprimento do seu plano de aula;
- observação de uma aula deste professor como prática de observação de aulas.

Didáctica da Língua Materna –Os níveis de língua e a pragmática da comunicação:

- pesquisa sobre os níveis e língua;
- discussão sobre a utilidade deste conhecimento na prática da língua;
- reflexão sobre o contexto e a plurissignificação das palavras;
- observação da aula sobre o imperfeito do conjuntivo e proposta de alteração da condução da aula.

Didáctica da Língua Estrangeira –Como trabalhar o ensino da língua materna com estrangeiros?

- pesquisa sobre os vários níveis de cada língua materna dos alunos;
- reflexão sobre a utilidade da existência desses níveis de língua;
- comparação com os níveis de língua existentes na língua que se pretende ensinar;

Sociologia da Educação –Indefinição dos papéis institucionais e falta de convergência dos projectos:

- reflexão sobre os papéis que a escola pública e a sociedade atribuem ao professor e ao aluno;
- inquérito aos professores e aos alunos sobre a forma como aceitam ou não esses papéis;
- debate sobre o projecto da escola, hoje, e a sua convergência com os projectos dos alunos.